

Protagonismo estudantil e aprendizagem histórica: o projeto “Faces da Ditadura” no Ensino Médio Integrado

Student Agency and Historical Learning: The “Faces of the Dictatorship” Project in Integrated High School

Marcelo Souza Oliveira*

RESUMO

Neste artigo, descrevo e analiso a experiência do desenvolvimento do Projeto “Faces da Ditadura”, com estudantes do 3º ano do curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio, no contexto de uma formação humana integral. O trabalho ancora-se na perspectiva heurística e formacional da Etnopesquisa Crítica e Implicada, conforme as proposições de Roberto Sidnei Macedo (2025). Na pesquisa, realizada com os estudantes do Instituto Federal Baiano (*campus* Catu), utilizei a observação participante e a análise de diários de bordo da turma, bem como os relatórios individuais dos participantes para a produção de constructos de compreensão. Concluo que as vivências no Projeto contribuíram significativamente para a formação integral dos estudantes — promovendo as “aprendizagens para a vida” e a “aprendizagem histórica” — e o desenvolvimento do pensamento crítico-cidadão e de habilidades essenciais. Neste artigo, reflito ainda

ABSTRACT

This article aims to describe and analyze the experience of implementing the “Faces of the Dictatorship” Project with third-year students of the Technical Course in Agriculture integrated into High School, within the context of comprehensive human development. The work is anchored in the heuristic and formational perspective of Critical and Involved Ethnoresearch, according to the propositions of Roberto Sidnei Macedo (2025). The research, conducted with the student-social actors, utilized participant observation and analysis of the class logbooks and individual participant reports for data production. It is concluded that the experiences in the Project significantly contributed to the comprehensive development of the students — fostering both “learning for life” and “historical learning” — as well as the development of critical-citizen thinking and essential life skills. The article further reflects on the challenges and

* Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano (IF Baiano), Catu, Bahia, Brasil. historiadormarcelo@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0002-0171-8896>>

sobre os desafios e as aprendizagens colaborativas propiciadas por essa prática pedagógica e de pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de História; Ditadura Civil-Militar Brasileira; Ensino Médio Integrado; Pedagogia de Projetos; Aprendizagem Histórica;

collaborative learning afforded by this pedagogical and research practice.

Keywords: History Teaching; Brazilian Military Dictatorship; Integrated High School; Project-Based Learning; Historical Learning.

A Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985) e seus desdobramentos na sociedade, na democracia e nos direitos humanos permanecem temas de fundamental importância e urgência no cenário educacional e político contemporâneo. A necessidade de revisitar criticamente esse período é reforçada por eventos recentes, como a tentativa de golpe de Estado em 08 de janeiro de 2023. Tais episódios demonstram que a reflexão sobre o autoritarismo e a defesa do Estado Democrático de Direito — entendido não apenas como rito eleitoral, mas como garantia plena de direitos sociais e liberdades civis — são pautas inadiáveis (Zimmermann, 2023; Pereira, 2025). Diante das constantes investidas revisionistas e negacionistas que buscam ressignificar o golpe de 1964 como “revolução” ou “contragolpe”, o papel da instituição escolar torna-se crucial na promoção de uma abordagem crítica e problematizadora da História.

É nesse contexto de urgência democrática que se insere o Projeto “Faces da Ditadura”. A culminância de sua sexta edição ocorreu na tarde de 03 de setembro de 2025, com a realização do Sarau Faces Ditadura em Cena, realizado com estudantes do curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio do IF Baiano (*campus* Catu). O protagonismo nessa vivência pedagógica foi simbolizado nos versos de autoria do estudante Gil, recitados por sua colega Preta, cuja profundidade histórica e estética ecoam a relevância do tema:

No clima da Guerra Fria
disputa de ideologia [...]
Uma revolta civil e o golpe do “fuzil”
Tudo culminou num tempo hostil.
[...]
AI-5 para oprimir e comandar
E esforços redobrados para controlar

Música, teatro e a literatura

Formas de resistência, contra a censura.

A poesia de Gil, um jovem pardo, magro e de olhar sereno, demonstra não apenas seu potencial artístico, mas o refinamento de pesquisa que conecta conhecimento histórico, criatividade e escrita poética. Em um diálogo sobre o texto, Gil expressou uma autocritica sobre o trecho “Com Jango fora de cena, o militarismo encena”, preocupado com a repetição sonora. Naquele momento, como professor, observei que o jogo de palavras era, na verdade, uma sacada potente, pois enfatizava como militares e seus apoiadores civis sustentaram a tese de que a deposição de João Goulart havia sido uma “revolução”, encenando uma falsa legitimidade para um golpe de Estado. Esse momento dialógico ilustra o processo de aprendizagem significativa vivenciado por Gil e seus colegas no projeto.

Ao analisar a densa pesquisa subjacente ao poema, percebi que a construção e a reelaboração do conhecimento sobre o passado ganham sentidos práticos na vida do estudante, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e cidadão. As categorias de análise “aprendizagens históricas” e “aprendizagens para a vida”, criadas e utilizadas pelos próprios estudantes em seus relatórios individuais, são tomadas, neste artigo, como expressões da formação humana integral. É sobre essa formação, em que Gil e seus colegas foram sujeitos ativos, que a presente pesquisa se debruça.

Dessa forma, o presente artigo, fundamentado na etnopesquisa em educação, tem como objetivo analisar e descrever o processo formativo integral de estudantes do Ensino Médio Técnico integrado a partir da aplicação do Projeto “Faces da Ditadura”, pautado na pedagogia de projetos, e que culminou na criação de um sarau artístico sobre a ditadura civil-militar no Brasil.

A estrutura do texto está organizada da seguinte forma: a seção seguinte detalha as itinerâncias teórico-metodológicas que sustentam a atuação do professor-pesquisador, especialmente o enfoque da etnopesquisa; em seguida, são apresentadas a estrutura e a dinâmica do Projeto “Faces da Ditadura”; o terceiro tópico tem o seu foco na organização, no planejamento e na execução do Projeto pelos alunos; e, por fim, discuto os desafios, as aprendizagens coletivas e as categorias êmicas (“aprendizagens históricas” e “aprendizagens para a vida”) emergentes do trabalho. Espero que a leitura deste trabalho possa ins-

pirar a construção de projetos semelhantes, propiciando uma formação integral, crítica e problematizadora da realidade social.

ITINERÂNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO PROFESSOR-PESQUISADOR

A atuação como docente e pesquisador neste estudo está intrinsecamente ligada à assunção de um lugar de fala e de uma trajetória que moldaram uma perspectiva de pesquisa militante. Ao me identificar como professor negro, nordestino, filho da classe trabalhadora e o primeiro de minha família a alcançar os níveis de pós-graduação, reafirmo o engajamento na formação integral dos estudantes, visando não apenas o domínio técnico-profissional, mas o exercício pleno, autônomo e crítico da cidadania. Alinho essa perspectiva à defesa de uma educação que reconhece a totalidade humana e trabalha a assunção de um posicionamento que consiste em “implicar-se processualmente para realizar algo defendido numa perspectiva valorada, social e, imaginariamente, referenciada” (Macedo, 2025, p. 82).

Desdobro a implicação e o engajamento dessa minha perspectiva militante

[...] não só no comprometimento e compromisso, mas também, vinculação social, cultural, existencial, profissional, erótica, espiritual, vivida e explicitada na pesquisa, a partir de uma experiência refletida de pertencimento, sabendo-se dos profundos motivos e, muitas vezes, opacos que trabalham para que o conhecimento seja o que ele é (Macedo, 2025, pp. 83).

Nesse prisma, pontuo que essa perspectiva de prática formativa foi protagonizada por estudantes do Ensino Médio Integrado, que são filhos da classe trabalhadora e que têm como professor também um filho da classe trabalhadora. A pesquisa militante se mostra na intenção e nas vivências da formação da classe trabalhadora para educação e formação qualificada para os mundos do trabalho, numa perspectiva crítica e problematizadora e com consciência de classe.

Ancoro metodologicamente essa práxis na Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial, que concebo como um processo de pesquisa-formação. Susten-

to a base teórica na compreensão freireana de que a indagação, a busca e a pesquisa não são acréscimos, mas elementos que fazem parte da natureza da prática docente (Freire, 1996, p. 32). O professor, ao se assumir pesquisador, transforma o próprio ato de ensinar em um movimento de constante (re) construção do saber.

Encontro ressonância para essa perspectiva dialógica na alegoria do romance *O Mágico de Oz* (Baum, 1900), na qual Dorothy e seus amigos constroem e conquistam as respostas para seus anseios no caminho e coletivamente. Essa jornada mútua de aprendizado serve como metáfora tanto para a relação professor-aluno quanto para a relação aluno-aluno, defendidas pela etnopesquisa. Conforme Bispo (2024) sinaliza, embora cada jornada individual conte com o apoio dos pares, a escolha dos caminhos e a assunção da autonomia cabem aos próprios atores sociais. Essa visão reforça o princípio da co-construção do conhecimento e da autonomia dos estudantes no processo do projeto.

A Etnopesquisa Crítica, tal como proposta por Macedo (2025), combina elementos da etnografia com uma postura política e epistemologicamente insurgente. Ela se configura como uma “pesquisa-com” os sujeitos, ou seja, uma abordagem que propõe a transformação e a produção de saberes com as pessoas, e não sobre e/ou contra elas (Macedo, 2025, p. 42-43). Essa implicação e esse engajamento militante desdobram-se no comprometimento social, cultural e existencial do pesquisador, exigindo uma profunda reflexividade sobre o seu próprio papel, suas práticas e seus preconceitos (Macedo, 2025, p. 83).

CONTEXTO, SUJEITOS E PRODUÇÃO DE CONSTRUCTOS DE COMPREENSÃO

O campo desta etnopesquisa é o Projeto “FACES da Ditadura”, realizado com a turma do 3º ano do curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio no IF Baiano (*campus* Catu). Os sujeitos da pesquisa são os 36 estudantes participantes, com idades entre 17 e 18 anos, sendo 50% meninas e 50% meninos. O perfil socioeconômico da turma é majoritariamente composto por jovens oriundos da rede pública de ensino e em condição de vulnerabilidade social (baixa renda familiar *per capita*), conforme os dados institucionais que indicam que cerca de 70% das vagas do Ensino Médio Integrado

são ocupadas por estudantes autodeclarados pretos, pardos ou indígenas (PPI) que cursaram integralmente o Ensino Fundamental em escola pública (IF Baiano, 2019). Embora o perfil institucional indique que a maioria dos estudantes provém de escolas públicas e famílias de baixa renda, a pesquisa evitou relações automáticas entre origem social e consciência de classe.

Operacionalizei a produção dos constructos de compreensão através de métodos qualitativos inerentes à etnopesquisa, integrando a observação participante ao registro sistemático em diário de campo. Busquei, através da articulação conceitual, compreender esses jovens e a dinâmica da turma durante o planejamento. Complementarmente, a análise dos 36 relatórios individuais possibilitou que cada estudante narrasse suas percepções por meio de categorias êmicas. Com a articulação dessas estratégias, visei alcançar uma visão robusta das aprendizagens, garantindo que o leitor perceba a coerência e a previsibilidade na condução da investigação, em que os métodos e objetivos se entrelaçam de forma orgânica.

ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE QUALITATIVA

Para a análise dos constructos de compreensão produzidos, mobilizei estratégias qualitativas que buscaram contemplar a multirreferencialidade do fenômeno estudado. Inicialmente, empreguei a Análise Temática e Codificação, utilizando técnicas para identificar padrões, temas emergentes e categorias de análise, englobando tanto categorias êmicas preexistentes quanto aquelas surgidas durante o processo. Complementarmente, a Triangulação dos constructos permitiu o cruzamento de relatórios individuais, notas de diário de campo e reflexões do professor-pesquisador, resultando em uma visão mais robusta das aprendizagens coletivas.

Sustentei o processo através da Reflexividade Crítica, que garantiu a análise constante do papel do pesquisador, suas interações e o impacto na investigação, assegurando transparência e aprofundamento interpretativo. Por fim, a Interpretação Colaborativa promoveu o envolvimento ativo dos participantes, valorizando suas vozes desde a redação dos relatórios até a fase de validação. Nesse estágio, os estudantes foram convidados a revisar o artigo e propor reescritas, consolidando-se não apenas como autores de seus proces-

sos educativos, mas como colaboradores essenciais na construção coletiva da pesquisa e do presente texto.

Para assegurar os aspectos éticos desta pesquisa, deixo evidente que todos os sujeitos que atuaram no processo emitiram termo de consentimento e de uso dos relatórios e de imagens. Além disso, escolhi as imagens para análise seguindo o critério a dificuldade de identificação dos estudantes e os nomes dos atores sociais mencionados no decorrer deste texto são fictícios. Realizei a substituição para assegurar a preservação da privacidade dos estudantes partícipes do processo.

Além de um processo de pesquisa e escrita que contou com uma fase de validação através das leituras dos estudantes que atuaram no Projeto, este artigo contou também com contribuições de alguns dos meus alunos e ex-orientandos de Iniciação Científica Júnior e de Mestrado. Foi realizada também uma revisão textual utilizando inteligência artificial *ChatGPT 5.0*, que contribuiu para o aprimoramento da redação. Por último, o texto foi revisado por uma profissional qualificada da área de ensino, que também atuou como parecerista, e por mim.

Por fim, vale destacar que o Projeto “FACES DA DITADURA” foi estruturado com base na Pedagogia de Projetos, metodologia que serviu de amparo prático e pedagógico para a vivência formativa. A seção subsequente descreve como essa metodologia foi apresentada à turma e como o processo de planejamento, construção e culminância do Sarau foi desenvolvido pelos próprios estudantes.

APRESENTAÇÃO E DINÂMICA COLABORATIVA DO PROJETO “FACES DA DITADURA”

O Projeto “FACES DA DITADURA” está ancorado teoricamente na Pedagogia de Projetos (Hernández; Ventura, 1998; Bender, 2014; Bacich; Holanda, 2020), que valoriza o aprendizado autêntico, cooperativo e voltado para a resolução de questões motivadoras (Bender, 2014, p. 15). Essa abordagem visa engajar o estudante ativamente na investigação, na elaboração de hipóteses e na comunicação dos resultados.

No início do primeiro semestre letivo de 2025, o projeto, em sua 6ª edição, foi apresentado aos estudantes. Cabe pontuar que o “FACES DA DITADURA”

consolidou-se como uma atividade de periodicidade anual no *campus*, tendo tido sua arrancada em 2019 e mantendo-se ativo desde então como um eixo fixo do calendário pedagógico.

Durante o processo de organização, registrei a dificuldade em garantir uma adesão interdisciplinar plena nesta 6ª edição, o que limitou a integração com outras áreas do saber. Esse insucesso relativo deveu-se, em parte, à incompatibilidade de cronogramas entre os departamentos, resultando em uma carga de orientação concentrada no componente de História. Tal aspecto, embora aceitável pela complexidade do projeto, exigiu um esforço redobrado da turma para suprir as lacunas técnicas em artes e roteirização.

A etapa de Planejamento Inicial demonstrou imediatamente o protagonismo dos estudantes. No mesmo dia da apresentação, eles elegeram Elis e Preta como diretoras, reconhecendo nelas a dedicação e a capacidade de liderança para gerir o projeto e mediar conflitos. Para a função estratégica de Relator, foi eleito Gil — o autor da poesia citada na Introdução. A justificativa do grupo ressaltou que sua aptidão para redações e poesia o credenciava para registrar o diário de bordo da turma, detalhando reuniões, ensaios, discussões e a atuação de todos.

Tabela 1 – Estrutura e Elementos Fundamentais
do Projeto “Faces da Ditadura” (6ª Edição)

TÓPICO DO PROJETO	DESCRIÇÃO
1. Questão Norteadora	Em que medida o desenvolvimento de um sarau cultural pode atuar como uma plataforma para que os jovens explorem as memórias da ditadura, possibilitando que a expressão artística se torne um caminho para a conscientização sobre direitos humanos e democracia na contemporaneidade?
2. Objetivo Geral	Desenvolver um sarau cultural que possibilite a expressão artística e a discussão crítica sobre a ditadura civil-militar no Brasil, promovendo a valorização da memória histórica e a reflexão sobre direitos humanos e cidadania entre os estudantes do 3º ano do ensino médio.

continua

continuação

3. Objetivos Específicos	1. Estimular os alunos a criarem e apresentarem obras artísticas (poemas, músicas, peças de teatro, pinturas) sobre a ditadura civil-militar, suas consequências e reflexões. 2. Criar um ambiente de diálogo e colaboração onde os estudantes possam compartilhar seus pontos de vista e experiências. 3. Incentivar a pesquisa e a apreciação das diferentes narrativas e experiências do período histórico. 4. Utilizar o sarau como plataforma para discutir a importância dos direitos humanos e a defesa da democracia.
4. Etapas de Desenvolvimento	1. Planejamento Inicial: Formação da equipe (divisão de tarefas e papéis), redefinição de objetivos e cronograma de trabalho. 2. Pesquisa e Formação: Realização de pesquisas sobre a ditadura, estudo de obras artísticas inspiradoras e promoção de debates. 3. Desenvolvimento das Apresentações: Criação autoral das peças artísticas, incorporando informações e reflexões.
5. Culminância	1. Preparação para o Sarau (Seleção e Produção Logística). 2. Divulgação (Promoção do evento e Envolvimento da Comunidade Escolar). 3. Execução do Evento (Sarau Ditadura em Cena) e Registro.

Fonte: Dados da Pesquisa (2025).

Por conseguinte, houve a formação das comissões que dariam vida ao Sarau. A equipe de divulgação teve a função de montar a produção de difusão do Projeto e realizar o convite ao público interno e externo do IF Baiano. Criaram também as peças de divulgação e as redes sociais destinadas à promoção pública do Sarau. As Figuras 1 e 2 foram produzidas por essa comissão e foram veiculadas no Instagram e no Whatsapp.

As peças de divulgação enfatizam imagetivamente a repressão e o cerceamento da liberdade de expressão. Nelas, observo o desenho de um militar tentando calar um jovem, levando sua mão à boca do menino. O jogo de palavras

utilizado nos *slogans* construídos para chamar a atenção dos usuários indica a intenção dos jovens de que esse período histórico não seja esquecido pela sociedade. Ao contrário, espero que o período seja lembrado de forma crítica e problematizadora. A arte, para a eles, pode ser usada como uma forma de resistência ao autoritarismo e ao despotismo daqueles que procuram implodir a democracia e o Estado de Direito.

Figuras 1 e 2 – Peças de Divulgação do Sarau Ditadura em Cena nas Redes Sociais



Fonte: Equipe de Divulgação do Projeto Faces da Ditadura (6ª Edição).

Nas peças de divulgação, a inscrição em caixa-alta “CENSURADO” sobreposta à imagem não é meramente estética; ela convoca o leitor a refletir sobre o cerceamento da palavra. Essa escolha dos estudantes demonstra uma compreensão aguda de como o regime autoritário operava na supressão das artes, utilizando o próprio recurso visual da censura como uma denúncia da violência institucional da época.

Um dos atos de maior relevância política e pedagógica foi a escolha do nome do evento: “Sarau Ditadura em Cena”. Essa denominação reflete uma sacada crítica do coletivo discente, servindo de alusão e contraponto à concepção revisionista de que o Golpe Militar teria sido uma “revolução”, em que os militares “encenaram” a restauração da ordem.

A divisão da turma em comissões (Diretoras Gerais, Equipe de Divulgação, Relator, Roteiristas, Música, Poesia, Dança, Teatro, etc.) ocorreu de forma colaborativa e pautada pelas aptidões e experiências prévias dos estudan-

tes. Por exemplo, os alunos com histórico em grêmio estudantil focaram roteiros, enquanto os com afinidade pela dança ficaram com as coreografias.

Figuras 3 e 4 – Um dos estandes do “Túnel do Tempo”
criado pela equipe de artes plásticas;
Jovens performam uma música do cantor Ney Matogrosso



Fonte: Equipe de Divulgação do Projeto Faces da Ditadura (6ª Edição).

A Figura 3 traz uma fotografia de um dos estandes da equipe de Artes Plásticas, que eles intitularam como “Túnel do Tempo”. Construído num dos corredores que dá acesso ao auditório onde ocorreu o Sarau, o túnel foi pensado por esses estudantes para possibilitar uma imersão e uma sensibilização do público sobre os significados da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Em cada um dos cerca de seis estandes presentes nesse corredor, posicionaram-se dois estudantes que explicavam o público as representações e os subtemas retratados, tais como censura, repressão policial, violências físicas, entre outros.

A Figura 4 é bastante significativa por homenagear o cantor Ney Matogrosso na música “Homem com H”. Segundo os estudantes, a música e o cantor foram escolhidos porque, ao invés de fazer parte de protestos, esse cantor inovou ao usar seu próprio corpo, seu visual e performance para questionar os padrões de moralidade da época. Ney desafiou a censura demonstrando ousadia e transgressão ao problematizar os padrões de masculinidade e confrontar

a sociedade com a exposição da sua homossexualidade. Embora as apresentações tenham sido de alta qualidade, destaco a empolgação do público, que, por várias vezes, ovacionou os artistas e os aplaudiu ao longo dessa apresentação. Destaque também para o figurino e a maquiagem do estudante que representou Ney. Ambos indicaram intensa pesquisa no que tange à forma como o artista se apresentava naquele período.

Sobre a qualidade das apresentações do Sarau, os estudantes sinalizaram em seus relatórios as pesquisas que foram realizadas por eles em relação a cada detalhe da apresentação: “[...] pesquisamos sobre o tema, ensaiamos bastante e pensamos nos detalhes do evento. Esse processo colaborativo ajudou muito, porque cada pessoa contribuiu de uma forma diferente para que tudo desse certo” (Ivete, grifos nossos). Cabe salientar que, na condição de orientador do Projeto e como professor da turma, enfatizei constantemente a importância da pesquisa para o êxito do trabalho. Além disso, periodicamente, discutimos os temas relacionados nas aulas. Para isso, destinei tempo e espaço, não só para as discussões, como também para os ensaios e para a organização do Sarau.

A capacidade de pensar em ideias originais e exequíveis (Bacich, 2025, p. 63) foi comprovada pela turma, que inovou em relação a edições anteriores ao criar um Túnel do Tempo com jogos e lembrancinhas interativas. Essa criatividade exigiu, inclusive, a organização de uma “vaquinha” entre os próprios alunos para viabilizar cenário e figurino, o que reforça o engajamento e a implicação da turma na proposta.

Apesar das dificuldades inerentes ao trabalho coletivo — como as “frequentes mudanças de grupos” e a sensação de ser “estressante”, mencionadas pelos alunos — a experiência foi marcada pela gratificação ao se atingir a culminância. A Diretora Preta detalhou o processo em seu relatório:

O planejamento do Sarau foi acontecendo gradativamente ao decorrer das ideias que íamos tendo. divisão de tarefas foi realizada logo no primeiro dia de planejamento [...]. Para a minha preparação, eu realizei pesquisas sobre a ditadura de modo geral e como era o teatro na época (Preta).

A Figura 5 mostra toda a turma do 3º ano interpretando a música Jesus Cristo, de Roberto Carlos. Essa música trazia, coincidentemente, um contraste entre dor e esperança, enquanto Rubens sofria a violência do regime, ape-

gando-se à ideia de que a fé no perdão e na justiça seria um consolo, conforme nos contou o narrador Renato durante a apresentação do Sarau.

A culminância, com o auditório lotado e a repercussão positiva na comunidade, demonstrou o potencial da turma. O sucesso do projeto reforça a tese de que estudantes, especialmente aqueles oriundos de famílias humildes e da escola pública, historicamente o público do Ensino Médio Integrado do IF Baiano, podem demonstrar grande força, capacidade e potência de desenvolvimento quando engajados em processos pedagógicos que valorizam o protagonismo e a criticidade.

Figura 5 – Interpretação da música *Jesus Cristo*, de Roberto Carlos pelos estudantes da turma



Fonte: Equipe de Divulgação do Projeto Faces da Ditadura (6ª Edição).

A MATERIALIZAÇÃO DA AUTORIA CRÍTICA: O ROTEIRO DO SARAU “DITADURA EM CENA”

Como já mencionei, a participação no Projeto “Faces da Ditadura”, que resultou na produção do Sarau Ditadura em Cena e sua culminância, foi resultado de um processo protagonizado pelos estudantes. Esse protagonismo implicou, inexoravelmente, na atuação desses discentes como autores críticos que reelaboraram as suas pesquisas sobre o tema na forma de Arte expressa

no sarau. Uma discussão interessante sobre o processo educativo que implica na autoria crítica dos estudantes foi apresentada por Pedro Demo (2015).

Em *Aprender como Autor*, ele institui um manifesto pedagógico que exige que o sistema de ensino abandone a lógica da repetição e da conformidade e adote a lógica da pesquisa e da transformação. A autoria, nesse contexto, é a competência máxima: a capacidade de reconstruir o conhecimento de forma crítica para atuar na sociedade de forma autônoma e competente. A autoria é elevada por Demo ao patamar de exigência para a vida no século XXI, marcada pela sociedade do conhecimento e pela complexidade. O sujeito que não é autor torna-se vulnerável politicamente e obsoleto no mercado de trabalho. Num tom de veras crítico e contundente, Demo destaca que “o aluno vai para escola para se tornar autor e não se tornar papagaio. A mesma coisa vale também para a educação científica, que é fundamentalmente importante e que não fazemos” (Demo, 2015, p. 38). Essa perspectiva defendida por Demo foi experienciada durante os processos de planejamento, desenvolvimento e culminância do Projeto Faces da Ditadura.

Por último, cabe destacar que o processo de construção colaborativa não só do roteiro do Sarau, como também de todas as demais produções dele advindas (cenário, indumentárias, túnel do tempo, galeria de fotos, etc.), exigiu um grau considerável de elaboração. Sobre essa questão, Pedro Demo ressalta que

[...] elaborar consiste em enfrentar as situações como sujeitos para resolvê-los. Trata do ato de escrever no processo de elaboração autoral do homem, sendo fundamental, mas sempre reconstruindo o sentido da escrita para que haja uma interpretação lógica na composição textual própria (Demo, 2015, p. 110).

Dito isto, e relacionando ao processo vivido na prática pedagógica aqui estudada, destaco que o processo de etnopesquisa culminou na apresentação pública do Sarau “Ditadura em Cena”. O roteiro geral do evento, elaborado integralmente pelos discentes Preta e Elis (Diretoras do Sarau e Mestre de Cerimônias), é a principal evidência da materialização da autoria estudantil e da aprendizagem histórica no projeto.

O Sarau foi estruturado em cinco capítulos, que articulavam teatro, poesia, dança e música, ligando o contexto histórico (1964-1985) às persistências autoritárias na contemporaneidade (2018):

Quadro 1 – Sarau “Ditadura em Cena”

Capítulos Temáticos	Foco Histórico e Crítico	Estrutura Artística e Autoria
Introdução	O Golpe de 1964 e o cerceamento dos Direitos Fundamentais.	Poema de contextualização declamado por Preta. Cena de Impacto: Cinco pessoas ajoelhadas e vendadas (simbolizando Igualdade, Justiça, Democracia, Liberdade), sendo executadas e arrastadas por militares, com sons de tiros.
Capítulo 1 – Censura Artística	Perseguição e exílio de artistas (Caetano, Gil, Chico, Raul, Rita Lee, Gal, Elis).	Cenas Teatrais: “A Arte Interrompida” e “A Revolução nas Ruas”. Diálogos de Autoria: Artistas argumentam que a canção é mais forte que o exército. Desfecho: O ator que representa Raul é preso e levado ao exílio, mas a cena final conclama que “a memória não morre”.
Capítulo 2 – Eunice e Rubens Paiva	Violência e tortura (Rubens Paiva) e resistência feminina e familiar (Eunice).	Narração Histórica Denúncia: Detalhamento da prisão, tortura e desaparecimento de Rubens. Música Símbolo: Apresentação da canção “Jesus Cristo” (Roberto Carlos) por toda a turma (Coral), destacando-a como a música que era tocada em alto volume para abafar os gritos de dor da tortura (conforme depoimento histórico).
Capítulo 3 – Morte de Edson Luís Souto	O assassinato do estudante secundarista (1968) e o início da mobilização popular contra o regime.	Cena Etnográfica: Após o assassinato no palco, o corpo do personagem Edson Luís é carregado pelos companheiros pelo corredor do auditório. Relevância: Simboliza o carregamento do legado e a revolução. Performance: O ator (Renato) se levanta e declama um poema de autoria.
Capítulo 4 – Tortura de Dilma Rousseff	A militância e a repressão feminina na ditadura.	Cena Teatral: Simulação da reunião clandestina, prisão e tortura de Dilma (choques elétricos e confinamento). Música: Apresentação das canções “Alegria, Alegria” e “Sangue Latino”, reforçando a estética da resistência.
Capítulo 5 – Relação com o Contexto Atual Marielle Franco)	A persistência dos resquícios autoritários no Brasil democrático.	Cena de Conexão: A estudante Preta representa a vereadora Marielle Franco, destacando sua luta por grupos minorizados. Clímax: Queda e assassinato da personagem com som de tiros, seguida pela narração: “quando uma voz cai, mil outras se levantam”.

Fonte: Preta e Elis, Roteiro Geral do Evento.

A estrutura demonstrou um sofisticado entendimento da História, não se limitando à cronologia factual, mas utilizando-a para fins de denúncia e conscientização. A sequência de cenas de violência (a execução na introdução, a tortura de Dilma, a morte de Edson e o assassinato de Marielle) criou um arco dramático que transformou a experiência em um ato de memória e militância.

O evento foi finalizado com a exibição de um vídeo com os nomes e fotos dos mortos e desaparecidos na ditadura e um momento de debate mediado pelo aluno Renato, no qual se esperava a interação com o público para consolidar a reflexão sobre a ditadura e seus impactos na sociedade atual.

Esse roteiro é um material riquíssimo e extremamente detalhado. Ele evidencia, de forma material, a autoria crítica e a formação cidadã dos estudantes. A articulação entre a pesquisa histórica e a criação artística — evidenciada no roteiro minucioso e autoral — confirma a eficácia do Sarau como um espaço de formação integral e de construção de um pensamento histórico crítico, superando a mera memorização de conteúdos.

A relação entre a construção do conhecimento histórico e as reflexões sobre direitos humanos fundamentais também foi encontrada nos relatos dos discentes do 3º Ano de Agropecuária. Chico trabalhou no projeto em várias atividades, estando envolvido na montagem da peça (roteiro), narração, canção, mídia e ornamentação. Sobre essas experiências ele relata:

Quanto ao conteúdo histórico, é inegável como a absorção de conhecimento se evidencia no fato de que, para desenvolvermos apresentações com forte crítica em cima do assunto, é necessário que saibamos sobre o que estamos falando. Estudar sobre a ditadura, e mais ainda, construir o que construímos (conteúdo artístico), faz-se perceber a importância da democracia e dos direitos sociais. Perceber como a política é via de mão dupla, e como a sociedade passa por períodos sombrios, em busca apenas de bem-estar e ascensão social, de um determinado indivíduo ou grupo, que deseja se sobrepor a outro (Chico, Relatório Individual).

As conexões que Chico estabelece entre o passado e o presente também ficaram evidenciadas nas apresentações. Para representar os efeitos da ditadura nos dias de hoje, os estudantes construíram cenas inspiradas nas histórias da ex-presidente Dilma Rousseff e de Mariele Franco, vereadora carioca assassinada em meio a um clima autoritário e reacionário, que são marcas de

determinados grupos sociais e políticos brasileiros. Rememoram também a história de Edson Couto, estudante morto durante a ditadura que, diga-se de passagem, foi homenageado pelos estudantes do *campus*, que batizaram o grêmio estudantil local com o seu nome.

A experiência que os estudantes tiveram ao conectar seus estudos históricos numa perspectiva da arte-educação lhes deu oportunidade de exercitar seus próprios etnométodos, uma vez que esses foram necessários para dar conta do tema do Projeto “Faces da Ditadura”, incluindo o Sarau Ditadura em Cena (sua culminância). Projetos de arte-educação promovem debates que incentivam a reflexão crítica sobre questões políticas e sociais. Para Gimeno Sacristán (2000), a educação deve estimular a argumentação e o diálogo. Segundo Freire (1996), a prática educativa deve promover uma conscientização crítica que possibilite aos alunos refletirem sobre suas próprias realidades. Os etnométodos, entendidos como práticas culturais e sociais que emergem das vivências dos grupos, facilitam esse processo, permitindo uma reflexão profunda sobre a importância dos direitos humanos e da democracia, como defendido por Dussel (1998). Os etnométodos realizados, a exemplo das rodas de conversa promovidas durante as aulas e as dramatizações apresentadas no sarau, servem como ferramentas para promover um espaço de discussão sobre os impactos da ditadura e a necessidade da defesa dos direitos humanos.

Nesse processo, os estudantes puderam colocar em prática sua expressão criativa articulada a narrativas históricas (re)criadas por eles com base nas suas pesquisas sobre a temática. Ao retratar a história da ditadura, eles tiveram a oportunidade de explorar suas identidades e a de suas comunidades. Puderam também lançar olhares para a memória coletiva sobre o traumático passado autoritário retratado através da arte. O conceito de memória coletiva, abordado por Halbwachs (1990), enfatiza como as lembranças do passado são moldadas por grupos sociais e influenciam a construção da identidade. Esse olhar coletivo é crucial para reconhecer e valorizar a luta pelos direitos humanos durante períodos autoritários.

Através da experiência de arte-educação, pude também debater questões referentes à diversidade que se materializou, por exemplo, na performance realizada pelos estudantes quando homenageraram o cantor Ney Matogrosso, artista consagrado pela música popular brasileira pelo caráter subversivo no que tange às tentativas de padrões heteronormativos.

Em síntese, a combinação entre arte-educação, aprendizagens históricas e os etnométodos desenvolvidos por mim e pelos estudantes possibilitou uma experiêncua formativa singular focada na formação integral para a cidadania dos jovens envolvidos.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES PARA A CONTINUIDADE DO PROJETO

No presente artigo, busquei descrever e analisar a experiência do desenvolvimento da 6ª Edição do Projeto “Faces da Ditadura” com estudantes do 3º ano do curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio do IF Baiano *campus* Catu. Fundamentado na etnopesquisa crítica e na pedagogia de projetos, detalhei o processo formativo integral de discentes a partir do desenvolvimento de um sarau artístico com a temática da ditadura civil-militar brasileira.

Como professor-pesquisador crítico e implicado, pude não apenas orientar, mas também realizar a investigação das dinâmicas internas e das vozes dos sujeitos, reforçando o compromisso com a formação humana integral da classe trabalhadora. Através dos achados etnográficos, confirmo a potência do projeto enquanto prática pedagógica:

- **Protagonismo e Autoria:** Os estudantes se tornaram autores das suas produções artísticas e, fundamentalmente, autores do seu processo de aprendizagem, assumindo papéis de liderança (Diretoras Elis e Preta) e documentação (Relator Gil), o que reflete uma gestão autônoma e responsável do processo coletivo.
- **Formação Integral (Categorias Êmicas):** A análise dos relatórios revelou que a experiência resultou em “aprendizagens para a vida” (trabalho em equipe, criatividade, organização, empatia e escuta ativa) e “aprendizagens históricas” (construção de uma consciência crítica sobre a ditadura, valorização da democracia e conexão do passado autoritário com as ameaças contemporâneas, como o golpismo e o reacionarismo).
- **Rigor Pedagógico:** A utilização do sarau como produto final demonstrou ser uma ferramenta eficaz para articular o conhecimento histórico (ba-

se da pesquisa) com a expressão artística, tornando a aprendizagem significativa e socialmente relevante.

Dialogando com a abordagem da pesquisa-formação, o encerramento deste trabalho incorpora as reflexões e contribuições dos próprios estudantes para aprimorar o projeto, garantindo o ciclo contínuo de aperfeiçoamento da prática pedagógica. As recomendações, que serão consideradas nas próximas edições, demonstram a maturidade e a criticidade do grupo:

- **Diálogo com o Público:** Gil destacou a necessidade da “inserção de momentos de interação direta com o público, como rodas de conversa ao final das apresentações, para enriquecer ainda mais o aprendizado coletivo”. Embora planejada, essa etapa não foi bem-sucedida nesta edição e sua relevância dialógica precisa ser resgatada.
- **Qualificação Artística:** Ivete recomendou a criação de “oficinas preparatórias antes do sarau, como de teatro, música ou escrita criativa”, para aumentar a confiança dos alunos e a qualidade artística do evento.

Em síntese, o Projeto “FACES DA DITADURA” configura-se como um dispositivo de educação crítica e política, que oferece uma formação de natureza onilateral, apta a instrumentalizar os estudantes da classe trabalhadora para o enfrentamento dos desafios democráticos e do mundo do trabalho. Nesses etnométodos, o aprendizado se dá na via de mão dupla, confirmando a máxima de Paulo Freire (2000, p. 25): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

REFERÊNCIAS

- BACICH, L.; HOLANDA, L. (org.). *STEAM em sala de aula: a aprendizagem baseada em projetos integrando conhecimentos na educação básica*. Porto Alegre: Penso, 2020.
- BACICH, L. L. A. Metodologias ativas: a formação do cidadão criativo e crítico. In: DALBEN, S. D.; SOUSA, A. C. de (org.). *Ensino Híbrido: experiências e reflexões*. São Paulo: Singularidades, 2022. p. 25-45.
- BACICH, L. L. A. *Pedagogia de projetos para o século XXI*. São Paulo: Penso, 2025.
- BENDER, W. N. *Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI*. Porto Alegre: Penso, 2014.

- BERBEL, N. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BISPO, A. C. *O Mágico de Oz: valores e lições de vida sob o viés da teoria da jornada do herói*. Monografia (Graduação em Letras Português) – Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Picos, 2024.
- DEMO, Pedro. *Aprender como autor*. São Paulo: Atlas, 2015. (232 páginas).
- DEMO, P.; SILVA, R. A. da. Protagonismo estudantil. *Org & Demo*, Marília, v. 21, n. 1, p. 71-92, jan./jun., 2020.
- DUSSEL, Enrique. *A educação como prática da liberdade*. Porto Alegre: Editora O Livro Técnico, 1998.
- FREIRE, P. R. N. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. *Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- IF BAIANO. *Política estudantil do IF Baiano*. Resolução n. 01, de 29 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/lapa/files/2019/08/Politica-de-Assistencia-Estudantil-29-01-2019.pdf>. Acesso em: 9 out. 2025.
- MACEDO, Roberto Sidnei. *Trair o método: a produção de saberes como artmediação insurgente*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025.
- OLIVEIRA, M. S.; OLIVEIRA, C. B.; CARVALHO, J. M. Projeto faces da ditadura: metodologias ativas para a cidadania no ensino médio integrado. In: OLIVEIRA, M. S.; CARVALHO, A. S. de; ALMEIDA, M. M. N. de (org.). *Educação científica e popularização das ciências: práticas multirreferenciais* (Volume II). 1. ed. Curitiba: Appris, 2021. p. 203-218.
- PEREIRA, M. F. A punição da tentativa de golpe no Brasil: um precedente histórico na luta global pela democracia. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 22, n. 11, 2025.
- RAMOS, M. N. Concepções e princípios do ensino médio integrado. In: *Ensino médio integrado: uma perspectiva abrangente na política pública educacional*. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- RAMOS, M. N. Concepções e práticas pedagógicas nas Escolas Técnicas do Sistema Único de Saúde: fundamentos e contradições. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7, suplemento, p. 153-173, 2009.
- RAMOS, M. N.; FRIGOTTO, G. “Resistir é preciso, fazer não é preciso”: As contra reformas do ensino médio no Brasil. *Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES*, v. 19, p. 26-47, 2017.

ZIMMERMANN, A. C. O revisionismo histórico nas comemorações do golpe civil-militar de 1964 durante o governo Bolsonaro (2019-2022): heranças autoritárias e encerramento do passado. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1-27, 2023.

NOTA

¹ O termo “êmico”, derivado da distinção linguística entre fonético/fonêmico, refere-se, na etnopesquisa, à perspectiva interna do grupo estudado. Trata-se de categorias de análise criadas ou utilizadas pelos próprios sujeitos da pesquisa para descrever sua realidade, em oposição às categorias “éticas” (externas) impostas pelo pesquisador.



Submetido em 21 de outubro de 2025.
Aprovado em 08 de fevereiro de 2026.